Doi: [dx.doi.org/10.17921/2525-5320.2016.191-208](https://doi.org/10.17921/2525-5320.2016.191-208)

O OLHAR DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL FRENTE O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS

Cleide Vitor Mussini Batista* - UEL

Rosana de Paula Ribeiro* - UEL

Palavras-chave: Criança. Brincar. Brincadeira. Brinquedo. Escola.

INTRODUÇÃO

Toda criança necessita de cuidados e para se desenvolver e conhecer o mundo que a cerca precisa brincar tornando-se assim o brincar, ação e ferramenta importante nos espaços da criança, sejam estes a instituição família ou a instituição escola. Portanto atualmente, o espaço escolar, um espaço onde a criança passa maior tempo torna-se de fundamental importância do brincar neste. Assim, a participação do professor é bastante importante, pois a ele compete promover e mediar essa ação no ambiente escolar, ambiente esse que tem que favorecer um tempo e um espaço de vivências lúdicas.

Para compreender mais sobre o universo da criança com relação ao brincar participei de um Curso de Extensão intitulado “Brincades da Criança” promovido pelo Projeto de Extensão “Tempos de Brincar”, tendo como foco o brincar nos diferentes contextos da criança. Desta forma, pude realizar a articulação de minha vivência dentro de uma escola da Rede Municipal de Londrina com a temática a ser desenvolvida neste estudo.

A formação teórica e prática do professor poderão contribuir para melhorar a qualidade do ensino, visto que, são as transformações sociais e que irão gerar transformações do ensino. Assim, ao vivenciar e participar das discussões teóricas e observações práticas do curso de formação de professores com relatos sobre o brincar das crianças dos CMEI, dos CEI e das escolas da rede pública municipal surgiu, então, nosso problema de pesquisa: Como as crianças de 5/6 anos veem o brincar e brincadeiras no contexto escolar e em outros espaços?

Para buscar responder a estas indagações elencamos como objetivo geral: Compreender como as crianças da Rede Municipal de Londrina fazem o uso do

* E-mail: cler@uel.br

* E-mail: rosana.pos_uel@hotmail.com

brincar e das brincadeiras. E, como objetivos específicos: Averiguar o contexto do brincar e brincadeiras para a criança da Educação Infantil e em outros espaços; Investigar como as crianças da Rede Pública Municipal usam o brincar e brincadeira no seu cotidiano escolar.

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola da Rede Municipal de Londrina que atende crianças de 5/6 anos na modalidade de Educação Infantil. Esta escola está situada na Zona Distrital, localizada na Região Sul do município de Londrina. A escola atende crianças da Educação Infantil (EI6) e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Participaram dessa pesquisa 30 crianças com idade entre 5 e 6 anos. Destas 30 crianças, 18 eram meninos e 12 eram meninas.

Os procedimentos para a realização deste estudo vão se basear em uma pesquisa qualitativa com base em uma entrevista com questões abertas e fechadas com intuito de compreender como as crianças de 5/6 anos fazem o uso do brincar no conjunto escolar e em outros espaços.

DESENVOLVIMENTO

Infância e o brincar

A infância sempre foi marcada pelo brincar. Podemos afirmar que a infância passou por mudanças significativas ao longo da sua história. De acordo com Áries, (2011), na Idade Média, a criança era diferenciada do adulto apenas no tamanho e força, a alta taxa de mortalidade infantil, não permitia um sentimento específico do adulto para com a mesma. Esta inexistência da infância ocorreu até o período feudal, onde a criança era identificada como adulto em miniatura. A partir, então, do desenvolvimento da sociedade capitalista urbano-industrial, o papel desta na sociedade passa a ser visto de maneira diferente, suas condições de vida, relações sociais e seu espaço na família se modificaram e a mesma passa a possuir seu lugar específico na sociedade.

Na arte até o século XII as crianças não eram representadas com suas respectivas particularidades, portanto a infância ainda não era reconhecida. À época as crianças eram vistas como adultos em miniaturas tanto suas vestimentas, quanto às atitudes, eram caracteristicamente adultas (MORENO; BATISTA 2005). Porém, passado um período percebe-se que a infância é vista com outro olhar, por volta do início do século XIX, a ideia da infância não sendo apenas para uma preparação

para a vida adulta, mas existindo no seu próprio direito como sendo um período especial da vida. (BROCK *et al.*, 2011, p.37).

No decorrer dessa década, houve um grande avanço no reconhecimento da infância, passando por cuidados especiais antes de adentrar na vida adulta. Sendo que a infância é um componente de estrutura da sociedade; um estágio do curso da vida; uma construção social, contextualizada [...]. Refletir sobre as crianças, hoje, significa pensar na infância e a cultura, bem como, a construção de subjetividade no mundo [...]. (MORENO, 2008, p.24)

Portanto, é de suma importância considerarmos a criança como reprodutora de cultura. Ou seja, que elas por si só, são produtoras de umas culturas próprias, adquiridas nas relações que estabelecem com o meio e com as pessoas das quais se relacionam no seu convívio dando suporte para oportunizar situações que permite a sua socialização nas diversas culturas que fazem parte da sociedade.

A criança é um sujeito social e histórico que têm direitos e que faz parte de uma organização familiar que está inserida numa sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. A infância é uma fase aonde as crianças aprendem valores que servirão para a vida toda, para que isso ocorra devemos valorizar suas particularidades. (BRASIL, 1998). Sendo assim, devemos valorizar a criança em seu contexto de vida, cada criança tem sua singularidade e devem ter um olhar cuidadoso para não generalizar a sua individualidade e cultura.

Pensando na criança como um ser social em desenvolvimento, para que de fato garanta o seu desenvolvimento pleno, o brincar é um fator determinante para que isso ocorra. Kishimoto, (1998) afirma que o brincar da criança não se remete a um ato espontâneo de um determinado momento. Ele traz a história de cada criança, sendo está internalizada de palavras, atitudes, valores, construídos a partir da relação com os adultos que vivem ao seu redor.

Para Batista (2012) o brincar é a ação própria da infância e um dos elementos formadores da personalidade infantil. É um fator determinante no desenvolvimento emocional, psíquico, cognitivo e social da criança. Além de esses fatores determinantes o brincar proporciona também umas aprendizagens significativas no campo afetivo e psicomotor da criança. Passa a se pensar que o brincar é uma das formas mais privilegiadas para a criança descobrir, relacionar, expressar, conhecer e ao enxergar o mundo em sua volta, por meio a todas essas características, sua

relação terá mais significado, para que ela possa se constitui como sujeito em uma determinada cultura.

O brincar é uma atividade espontânea que permite à criança exercer e vivenciar “enes” situações cotidianas ela está livre de qualquer regra, ao brincar ela aprende novos conceitos, ela começa a entender como as coisas funcionam ao seu redor, assim poderá perceber e distinguir o que pode e o que não pode ser feito, ou seja, ela perceberá e aprenderá que existem regras sociais. Entendermos que o papel fundamental do brincar na infância parece não deixar dúvidas. A criança brinca para interpretar e assimilar o mundo os objetos a cultura, as relações e os afetos entre pessoas (FRANCO 2008).

Quando a criança brinca, ela desempenha vários papéis e representá-los podendo resolver seus conflitos, criatividade e estimulando a curiosidade. Por meio de esse brincar ela trabalha o corpo expressando seus sentimentos e desenvolvendo suas capacidades e sua relação com o outro. Acredita-se que quando brinca em grupo, aprende a difícil e essencial arte de viver coletivamente: a esperar sua vez para ser mamãe, a princesa ou o motorista do ônibus, a combinar com os amigos a divisão dos papéis num processo que é negociado com as outras crianças e não imposto pelo adulto. Desta forma, aprende a negociar e não a obedecer, sem refletir a opinião do outro. (PASCHOAL; MELLO, 2007).

Percebemos que o brincar traz para a criança uma sensação de liberdade momento de realizar aquilo que ela gostaria de ser e por meio do brincar, ela pode ser ela pode ser o que ela quiser, ocorrendo uma aprendizagem significativa para a criança à riqueza nessa ação favorece seu desenvolvimento social. A sociedade tem uma ansiedade com relação à criança, trabalha para preparar o futuro dela, mas não permite que ela vivencie o presente e, assim, abafa a alma da criança em prol de um futuro incerto (BATISTA 2009).

Desse modo devemos refletir que toda criança necessita do brincar para socializar e se desenvolver e que não devemos apressar as etapas do seu crescimento, cada criança é um ser único que deve ser respeitada e compreendida na sua especificidade.

A brincadeira e o brinquedo

Para Kishimoto (2001, p.18) o brinquedo supõe uma relação íntima, com a criança e uma ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. O

brinquedo necessariamente não precisa apoiar-se a uma regra, ou seja, o brinquedo é apenas o objeto que ao ser manipulado pela criança ganha um valor importante porque ele tem o papel de substituir, os objetos reais na ação da brincadeira.

Para Rego apud Teles (1999) o brinquedo não só possibilita o desenvolvimento de processos psíquicos, por parte da criança, como também serve como um instrumento para conhecer o mundo físico (e seus usos sociais) e, finalmente, entender os diferentes modos de comportamento humano (os papéis que desempenham, como se relacionam e os hábitos culturais).

Ao apoiar-se no brinquedo a criança realiza ou não seus desejos, anseios, assimilam costumes culturais e socializam, por meio dele ela arma a cena transportando-o para sua vivência diária na hora da sua brincadeira. Segundo Kishimoto (2001) o brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Sendo assim, o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade.

Brinquedos e brincadeiras são formas privilegiadas de desenvolvimento e apropriação do conhecimento pela criança, portanto são instrumentos indispensáveis da prática pedagógica e componente relevante de propostas curriculares. (KISHIMOTO, 1999). Para a autora brinquedo e brincadeiras possuem significados distintos. Portanto, brinquedo é entendido como instrumento, suporte de brincadeira, brincadeira como uma descrição de uma conduta estruturada com regras.

Em uma brincadeira como mãe da rua colorida, amarelinha, esconde esconde a criança utilizara de hábitos culturais seguida de uma ordem, sendo assim a brincadeira por esse viés é conduzida com regras. Portanto, o brinquedo configura como objeto importante no aprendizado e desenvolvimento social, moral e cultural da criança é por fazer o papel de suporte e condicioná-la na ação da brincadeira sem conduta estruturada, sendo assim a criança assimila o mundo à sua maneira de vê-lo ao representar por meio da brincadeira.

No que se refere à brincadeira, para definirmos a brincadeira infantil ressaltamos a importância dela para a criança nos aspectos físicos, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. A brincadeira é uma das etapas essencial para o desenvolvimento da criança, e na brincadeira que a criança aprenderá sua relação

com o outro e o meio, a brincadeira é uma ação que imobiliza todo o processo de desenvolvimento da criança, ela cria sua linguagem de comunicação.

A criança vê a brincadeira de forma diferente do adulto, para elas muitas vezes não é um simulador da realidade, tanto que Piaget (1971 *apud* KISHIMOTO, 2001) afirma “quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira sem compromisso com a realidade, pois sua interação como o objeto não depende da natureza do objeto mais da função que a criança lhe atribui”. Desse modo, o objeto para a criança passa a ser o que ela quer que seja na hora da brincadeira, comandando assim, sua liberdade. Ainda na brincadeira, a criança estimula suas aptidões e criação acerca da compreensão da realidade.

Ao pensar sobre o brincar e brincadeira não tem como não sem relacionar a criança como [...] produtora de cultura ela não pode ser somente copiadora ou receptora é preciso deixar que elas mesmas criem, assim poderemos entender o significado de suas expressões no sentido de interpretá-las, entendê-las, observando o seu modo de ser [...] (DIAS, 2008, p.13).

No momento que a criança está brincando seu envolvimento está atrelado a sua vivência diária a sua ação na brincadeira torna-se um alicerce daquilo que virá ser futuramente como sujeito. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998).

A criança quando brinca ela projeta aquilo que vê em seu cotidiano o seu comportamento frente à brincadeira é espontâneo, oras brinca de mamãe e filhinha e ao mesmo tempo muda sua ação brincando de médico, seu brincar é flexível. Para Verganhanini (2011) a brincadeira refere-se basicamente à ação de brincar, ao comportamento espontâneo o que resulta de uma atividade não estruturada. [...].

No que refere se ao desenvolvimento infantil à brincadeira não estruturada oferece contribuição em vários aspectos para o futuro da criança em desenvolvimento. Teles (1999) diz que a criança reproduz na brincadeira a sua própria vida. Por meio dela, ela constrói o real, delimita os limites frente ao meio e o outro e sente o prazer de atuar ante as situações e não ser dominado por elas.

Cada criança tem suas especificidades é na brincadeira que percebemos os avanços e regressões com relação ao seu aprendizado e desenvolvimento. A

brincadeira é um meio de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, que possibilita o descobrimento e aprendizagem de várias habilidades e também de sociabilidade do grupo.

Brincando, as crianças desenvolvem sua imaginação, seus pensamentos sua corporeidade, sua afetividade e capacidade de se relacionar com o outro de forma ética. Ainda mais: realizam seus sonhos, extravasam seus medos, confrontam seus limites imitam o mundo adulto e lhe dão novos significados (FRANCO, 2008).

A brincadeira deve ter como foco algo a ser aprendido pela criança e desenvolvido por ela. Cabe o adulto proporcionar que ela vivencie isso de modo que essa criança possa ter a chance de se vê na ação da brincadeira. Quando a brincadeira não é direcionada e condicionada pelo adulto ela tende a ser explorada pela criança de forma que condiz com o que é real e o que não é, o desfecho dado é ela que determina no momento da brincadeira.

Sabemos que para a criança a brincadeira proporciona um momento de total entrega, dando suporte para sua relação com o meio. As crianças aprendem o que ninguém pode ensinar por meio das brincadeiras. É por meio delas que aprendem sobre o seu mundo, como lidar com este ambiente de objetos, tempo, espaço, conceitos, estruturas, pessoas sobre si próprias.

No espaço onde ela convive sendo sua casa ou na instituição, lugar esse que tem como papel principal proporcionar que a criança explore todos os aspectos físicos desse brincar. Portanto, acreditamos que o adulto poderá proporcionar para a criança um desempenho em inserir a brincadeira na vida delas, ofertando determinados objetos e fantasias, brinquedos ou jogos, dando delimitações dos espaços e tempo, sendo que a relação professor criança nesse processo ajuda os desenvolvimentos sociais, morais e culturais da criança.

O papel do professor e proporcionar esse momento cabem a ele mediar e participar somente se for convocado pela criança, sendo que o professor será um observador do brincante. De acordo com Teles (1997, p. 16) “a brincadeira tem um sentido de suma importância para a criança para sua formação de mais tarde ser um adulto feliz, criativo, equilibrado, aberto para a vida, o mundo e as pessoas”. Sendo assim, a brincadeira infantil é valorizada pela criança, pois é nesse momento que ela manifesta seu livre pensamento sem regras, são atos espontâneos, manifestações que surgem do seu interior e que ajuda no seu desenvolvimento e aprendizagem.

Segundo Batista (2012) brincando, a criança vai construindo os alicerces da compreensão e utilização de sistemas simbólicos como a escrita, assim como da capacidade e habilidade em perceber, criar, manter e desenvolver laços de afeto e confiança no outro. Desse modo, à brincadeira na Educação Infantil é de suma importância para a criança, pois é nesse momento que se manifesta seu livre pensamento sendo eles atos espontâneos, manifestações que vem do interior desta e que ajudam no seu desenvolvimento e em sua aprendizagem.

As brincadeiras aprofundam, para a criança, a compreensão da realidade, ao mesmo tempo em que estimulam a imaginação e condições básicas para se poder ser criativas (TELES, 1997). Percebemos que a brincadeira é uma situação privilegiada no processo da aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, alcançando níveis complexos até mesmo possibilitando a interação com o outro, podendo dar significado ao seu cotidiano onde existirão regras de convivência e a criança se adequará conforme a suas necessidades.

O brincar no contexto escolar

Quem são as crianças? As crianças gostam de brincar? Onde acontece o brincar? Do que brincam? Como e com quem brincam? Quais os são os espaços de brincadeira para a criança viver sua infância na contemporaneidade?

Estas indagações nos remetem a considerar que cada criança é um ser único especial na sua amplitude em seu modo de ser e ver e rever o mundo que a cerca por meio da sua linguagem que é vivenciada pelo brincar. Portanto, entrevistamos 30 crianças sendo 18 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, dessas crianças cinco tem idades de 6 anos por completarem a mesma entre os meses de janeiro a junho de 2014 e 25 tem 5 anos a completarem seis a partir do mês de julho desse ano.

As crianças de 4 a 6 anos se encontram no auge do jogo simbólico (BATISTA, 2009), assim valorizar a capacidade de produção simbólica das crianças requer evidenciar a sua competência para construir sentidos no/sobre o mundo. É preciso reconhecer suas formas específicas de ocupar e se apropriar dos espaços, entendendo a brincadeira como fundamental, tanto para a criança conhecer o mundo quanto reconhecer-se no mundo.

Nessa perspectiva, é necessário desenvolver olhares atentos e uma escuta sensível e refinada para as brincadeiras, as relações entre crianças e adultos, as

diferentes formas de ocupação e os sentidos estabelecidos.

Concepções das crianças acerca da função do brincar no contexto Escolar e em outros espaços

As concepções que as crianças têm acerca do brincar em espaços diferenciados e, principalmente na escola, lugar este que ela passa mais tempo do seu dia a dia se tornam relevante. Com este intuito analisamos as falas das crianças para buscar compreender a sua concepção sobre o uso do brincar e brincadeiras no contexto escolar e em outros espaços.

Ao analisarmos as entrevistas, observamos que todas as crianças gostam de brincar. Embora, atualmente, a importância do brincar para o desenvolvimento infantil seja amplamente reconhecida, é comum observarmos crianças, por vezes muito pequenas, com umas rotinas bastante atribuladas, tomadas por diversas atividades e compromissos. Muitas vezes, fica difícil encontrarmos alguma brecha, na correria do dia a dia dessas crianças, na qual elas possam, simplesmente, ter espaço e tempo para brincar. Mas, vemos que apesar de, todas as crianças gostam de brincar. Onde brincam?

Quando foram perguntadas para as 30 crianças em entrevistas separadas sobre aonde brincam, nove delas responderam na escola, seis delas apontaram a própria casa, 23 disseram brincar também brincar nas casas de tios, avós, primos e amigos. Cabe ressaltar que no local que acontece o brincar também foram apontados outros espaços, como no campinho de futebol, barracão, quintal, grama, parquinho, calçada, casa de boneca, terreirão, brejo, rios, estradas entre tantos outros lugares.

Evidencia que as crianças, na sua maioria, brincam nas suas próprias casas. Sabemos que a família é o primeiro meio de socialização da criança, em que ela receberá a base inicial do que consiste a vida em sociedade, quer seja um grupo constituído segundo a estrutura nuclear moderna que a sociedade como um todo tem como modelo, ou organizada de acordo com outras possibilidades.

Inegavelmente, o brincar é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura e por meio do qual se podem permear suas vivências internas com a realidade externa. O brincar é um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado pelas famílias seja qual for o nível sócio econômico, que em decorrência de alguns fatores, como por exemplo, rotinas de trabalho intensas,

deixam de estreitar momentos de prazer por meio do simples ato de brincar com os filhos.

Os pais trabalham excessivamente, a mãe sai para o mercado de trabalho, então, sobra pouco tempo para brincar com a criança. Para minimizar o sentimento de culpa, os pais acreditam na recompensa material: dar um brinquedo, comprar um novo DVD, colocar o vídeo-game no computador, enfim, oferecer brinquedos para que a criança possa se ocupar.

Segundo Marcellino (1990) na nossa sociedade e, particularmente nas grandes cidades, ainda que por razões bem diferentes, as crianças não tenham tempo e espaço para a vivência da infância. Caracterizada pela brincadeira, a infância nas cidades grandes já sofreu e continua sofrendo modificações. Devido a fatores como desenvolvimento urbano e violência, as ruas que já foram verdadeiros palcos para as brincadeiras acontecerem, já não cumprem mais esse papel. Sair de casa? Só acompanhada por um adulto!

Também Verden-Zoller (2004) nos alerta que o espaço da vida humana está desfigurado pela civilização moderna, que se tornou demasiadamente rápida, ruidosa e desvitalizada. Assim, o mundo em que agora vivemos tornou-se destrutivo para nós, pois já não dá à criança o espaço de liberdade e paz que ela precisa para se desenvolver de maneira salutar.

Mesmo sendo as crianças entrevistadas pertencentes a uma Zona Distrital, o desenvolvimento urbano e o aumento da violência também chegam lá, bem como as ruas se tornaram perigosas. Neste contexto, os pais também trabalham o dia inteiro restando assim, o espaço da casa. Muitas crianças, não diferentes da Zona Urbana ficam confinadas em casa a assistir televisão ou diante de um computador.

Diante dessas mudanças sociais, os espaços dedicados ao brincar também sofreram alterações. As ruas foram substituídas pelos clubes, espaços de lazer em condomínios ou shopping centers. E, no caso das crianças entrevistadas é no espaço da casa onde o brincar acontece e, ainda é possível.

Dando continuidade as entrevistas, foi perguntado às crianças do que gostavam de brincar. Pudemos elencar as brincadeiras por elas preferidas. Das 30 crianças, 13 apontaram pega-pega, 12 apontaram esconde-esconde. Dessas 13 crianças, 10 apontaram que gostavam de brincadeiras como duro e mole, lenço atrás, roda, pula corda, batatinha quente. Segundo Brasil (1998, p.71) [...] brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda,

amarelinha etc. São maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo [...].

As situações de brincadeiras possibilitam, também, às crianças, o encontro com seus pares, fazendo com que interajam socialmente, quer seja no espaço escolar ou não. No grupo descobrem que não são os únicos sujeitos da ação, e que para alcançar seus objetivos precisam levar em conta o fato de que outros também têm objetivos próprios que querem satisfazer. Os jogos infantis, no dizer de Piaget (1994), constituem-se “admiráveis instituições sociais” e por meio deles as crianças vão desenvolvendo a noção de autonomia e de reciprocidade, de ordem e de ritmo.

Além das brincadeiras, as crianças apontam alguns brinquedos que elas relacionam com essas brincadeiras tais como: carrinhos, motos, bonecas, balde, animais etc. Segundo Kishimoto (1998), brinquedo é o objeto que representa certas realidades, é um substituto dos objetos reais, para que possa ser manipulado pelas crianças, sendo todo objeto utilizado para brincar ou jogar. Assim, para que o brinquedo seja significativo para a criança é preciso que tenha pontos de contato com a sua realidade. Por meio da observação do desempenho das crianças com seus brinquedos podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento motor e cognitivo.

O brinquedo é, então, oportunidade de desenvolvimento. Brincando a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e atenção.

Se brincar promove o desenvolvimento e a aprendizagem pode fazer uso dele também no contexto escolar. As crianças brincam neste contexto escola? É possível? Como acontece este brincar neste contexto? Das 30 crianças todas brincam na escola. Podemos identificar hoje um discurso generalizado em torno da “importância do brincar”, presente não apenas na mídia e na publicidade produzidas para a infância como também nos programas, propostas e práticas educativas institucionais.

Brincar também cabe no espaço da escola. E, apesar da resistência de muitos profissionais da educação, a criança insiste em brincar. Assim, a escola tem a tarefa de “ler” os elementos que essa infância apresenta e, assim possibilitar uma vinculação entre passado e presente, de modo que as crianças possam reconhecer essas formas de brincar do passado a partir das experiências produzidas no

presente. Quando a criança brinca (e o adulto não interfere) muitas coisas sérias acontecem.

Deste modo, quando a criança mergulha em sua atividade lúdica, organiza-se todo o seu ser em função da sua ação. O interesse provoca o fenômeno, reúnem-se potencialidades num exercício mágico e interessante. E quanto mais a criança mergulha, mais estará exercitando sua capacidade de concentrar a atenção de descobrir, de criar e, especialmente de permanecer em atividade. É a aprendizagem pelo sentir, e não para obter determinado resultado ou para possuir alguma coisa. A criança estará aprendendo a engajar-se seriamente pela atividade em si. Estão sendo cultivadas aí, a autonomia e socialização.

A brincadeira, como atividade dominante na infância, tendo em vista as condições concretas da vida da criança e o lugar que ela ocupa na sociedade, é, primordialmente, a forma pela qual esta começa a aprender. Secundariamente, é onde tem início a formação de seus processos de imaginação ativa e, por último, onde ela se apropria das funções sociais e das normas de comportamento que correspondem a certas pessoas.

Ao perguntarmos na entrevista sobre as brincadeiras que acontecem na escola, das 30 crianças 9 apontam o pega pega; dessas 9, seis apontam as duas brincadeiras tanto o pega pega como esconde esconde. Surpreendemo-nos com as respostas das crianças por mencionarem as mesmas brincadeiras como as que mais gostam e as que acontecem na escola, isso nos faz compreender que as brincadeiras desenvolvidas na escola têm relação na maioria dos gostos das crianças. Mas essas brincadeiras acontecem em espaço externo, às outras brincadeiras como pecinhas de montar, quebra cabeça, carrinhos etc. mencionadas por elas são realizadas em ambientes internos.

Percebemos que a visão que a criança tem sobre as brincadeiras que acontecem na escola tem foco mais nas tradicionais. Toda criança que participa de atividades como a brincadeira, adquire novos conhecimentos e desenvolve habilidades de forma natural e agradável, que gera um forte interesse em aprender e aprender sempre mais. Portanto, o ambiente da escola deve fazer com que as crianças sintam o desejo em aprender e nada mais essencial que aconteça por meio de jogos e de brincadeiras. Cabe o professor proporcionar que isso aconteça seja em ambiente interno ou externo. É muito importante que o professor desenvolva essa ação, que contribui muito para o aprendizado da criança.

Para Moreno (2008, p.25) [...] podemos dizer que as crianças produzem cultura, sobretudo quando destacam, pela imaginação, a curiosidade, o movimento e o desejo de aprender, aliados à sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar.

As brincadeiras desenvolvidas pelas crianças mencionadas são a maioria delas corporais, motoras e com movimentos e muitas delas acontecem no intervalo. Ao serem entrevistadas, as crianças diziam ser nesse momento, hora essa que se sentiam livres no sentido de não ter o professor para coordenar como uma atividade direcionada, ou seja, quando brincada nos espaços da escola muitas vezes são organizadas pelas próprias crianças onde elas dão as regras como, por exemplo, quem será o pegador, quem será o primeiro, onde ainda elas denominam algumas funções. Aqui, o papel do professor é de observar, mediar e intervir quando for solicitado.

Com relação a importância do brincar, na concepção de todas as crianças entrevistadas o acham importante. No olhar de cada criança ao responder esta pergunta, nos fez perceber que cada uma na sua simplicidade no seu jeito de ser deixou o motivo de acharem importante o brincar nas suas vidas. Na essência das respostas dadas pudemos perceber que as mesmas gostam de brincar e pronto! Na maioria das respostas as respostas foram: porque é legal e porque sim, mas uma das crianças nos chamou atenção por ser tão pequena e dar uma resposta que para ela era de grande significado e, com olhar questionador foi logo dizendo que caso acabasse a diversão às pessoas ficavam tristes na Educação Física, os amigos se divertindo ela não, sendo assim ela brincava com os amigos fingindo ser leão referindo se ao momento da espera na vez das atividades físicas.

O brincar se torna importante no desenvolvimento da criança de maneira que as brincadeiras e jogos que vão surgindo gradativamente na vida da criança desde os mais funcionais até os de regras. Estes são elementos elaborados que proporcionarão experiências, possibilitando a conquista e a formação da sua identidade. Como podemos perceber, os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva. Para uma aprendizagem eficaz é preciso que a criança construa o conhecimento, assimile os conteúdos. E, as brincadeiras e os brinquedos são um excelente recurso para facilitar a aprendizagem, neste sentido, Carvalho (1992 p. 28) afirma que: “[...] o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do

desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se, portanto em jogo”.

Muitos são os desafios que a educação precisa enfrentar e um deles é fazer com que a criança seja reconhecida como sujeito de direitos, cidadã. É necessário assegurar à criança condições para o seu desenvolvimento, não só na letra da lei, mas no plano concreto e real onde o direito de brincar seja legitimamente reconhecido assim como o seu tempo e o seu espaço sejam respeitados e ganhem também sua devida importância.

Como assinala Wajskop (1999), é na situação de brincar que as crianças se podem colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Concomitantemente a esse processo, ao reiterarem situações de sua realidade, modificam-nas de acordo com suas necessidades.

Ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vivem uma possibilidade de modificá-la. Portanto, a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos.

Na primeira infância, portanto na Educação Infantil que a criança entra em contato com o mundo real ela passa a se apropriar de novos conhecimentos e esse brincar não pode ser deixado de fora ou menosprezado como perda de tempo, relatos de alguns pais, nos dizeres de alguns professores, por fim esses pais sem entender a metodologia desse processo e sua importância eles tendem a utilizar desses argumentos, por não se ater ao conhecimento teórico, agora a resistência de alguns professores de não utilizar como ferramenta no cotidiano da escola o brincar é que é de se preocupar, por esperarem de um aprendizado imediato, mecanizado e com diagnóstico rápido esperado pela escola a todo momento por cumprir alguns métodos sem significado para a particularidade e singularidade da criança.

É importante lembrar que as crianças estão aprendendo o tempo todo. Portanto a ideia de que as crianças só aprendem quando estão na sala de aula e realizando

atividades com lápis e papel é um equívoco que precisamos superar se quisermos realizar um trabalho de mais qualidade e que, realmente, atenda às especificidades infantis. Para as autoras os pais parecem apoiar o trabalho docente que objetiva antecipar a escolarização com apostilas, cartilhas, tarefas, “trabalhinhos” dirigidos à aprendizagem da leitura e da escrita, que encham o dia da criança na escola infantil.

Com toda essa discussão em torno da escola em ser um dos lugares comprometidos com a criança da Educação Infantil, é cabível que deva garantir os alicerces essenciais para que de fato ocorra o desenvolvimento de uma aprendizagem inicial consistente. Para isto, é fundamental que a equipe pedagógica e os professores reflitam acerca de suas práticas e que possibilitem tempos e espaços que levem a criança a relacionar-se, ser e tornar-se, pensar, imaginar, compreender, movimentar-se e expressar-se, seja participando e dando suas contribuições acerca da construção do conhecimento.

CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi de compreender como as crianças de uma escola da rede pública fazem o uso do brincar na escola e em espaços diferenciados. É necessário que desde a Educação Infantil, as crianças tenham condições de participarem de atividades que elas possam aflorar o brincar. No entanto, o brincar deve ser aceito e visto como um processo, não necessariamente esperado com fins para algum resultado se participante assim o desejar.

Portanto, na Educação Infantil, cabe o professor dar abertura para que ocorra de fato esse brincar, sendo este resultado de aprendizagem, e dependendo de uma ação educacional voltada para o sujeito social da criança devemos acreditar, que inserir jogos, brincadeiras e brinquedos nas metodologias curriculares, possibilita à criança base para a compreensão da realidade concreta.

No contexto da escola, propor as atividades voltadas com brincadeiras para que a criança possa de fato segundo Ferronato e Batista (2013) desenvolver sua imaginação, seu pensamento, sua corporeidade sua afetividade e capacidade de se relacionar com o outro realizam seus sonhos, extravasam seus medos, confrontam seus limites, imitam o mundo adulto e lhe dão novos significados.

E, tudo isso ela vivencia no espaço da escola. Evidenciamos que o brincar transformado em instrumento pedagógico na Educação, favorece a formação da criança e que ela possa mais tarde exercer o papel social de um adulto.

É o adulto na figura do professor, portanto, que na Educação Infantil, ajuda a estruturar o campo do brincar e brincadeira na vida das crianças, portanto é ele que organiza a base estrutural tanto na oferta de determinados objetos, brinquedos, da delimitação e até tempo e espaços para esse brincar.

No momento que a criança está brincando os professores podem observar a ponto de ter uma visão geral se ocorre um desenvolvimento das crianças em grupo ou em particular podendo registrar suas capacidades de uso de linguagens, sociais, afetivos, emocionais. A exploração é uma preliminar de forma mais desafiadora do brincar que, no ambiente escolar, são as que provavelmente serão dirigidas pelo professor (FERRONATO; BATSTA, 2013).

Percebemos que o brincar não está vago sem significações ele apresenta um campo teórico profundo e com concepções práticas, atuais e concretas, não poderemos desconhecer a relação entre criança e brincar eles são pares encadeados no processo da aprendizagem.

Salientamos que muitos professores ainda confundem brincadeiras com “jogos didáticos”. Estes últimos, usados nas escolas para servir de auxiliares na aprendizagem de determinados conteúdos, ou para promover a memorização de uma sequência de dados, não podendo ser considerado um brinquedo, apenas simula um, pois não é espontâneo, nem usa o faz-de-conta. No jogo didático o adulto cria as regras, comanda a atividade e define o objetivo, seu valor como instrumento de aprendizagem é indiscutível, a criança realmente podem aprender com ele, mas não substitui a brincadeira, e confundir essas duas coisas pode fazer o professor pensar que usa o brinquedo em sala de aula quando não faz mais do que apresentar jogos didáticos.

A brincadeira é organizada pela própria criança de forma espontânea e autônoma. A participação do adulto é mínima, ele jamais interfere no papel que o aluno assume, na linguagem que usa ou no rumo que a fantasia toma. O papel do adulto é criar condições para que as crianças brinquem incentivar e propor o que se fará para que a brincadeira tenha início, mas se as crianças se desviarem da atividade inicialmente proposta, isto não constitui problema algum: a liberdade de mudar de rumo durante a brincadeira é uma característica importante da atividade.

Quanto ao espaço, fora do contexto escolar também devemos levar em conta a importância do brincar. Nos relatos das crianças entrevistadas percebemos que o brincar está mais presente nesses espaços e ele acontece de forma normal,

satisfatória e vivenciada pelas crianças por completo. Nós não obtivemos só na entrevista essa certeza como também nos olhares e gestos de cada criança entrevistada.

Cada criança entrevistada nos deu a visão que esse brincar acontece de fato nos ambientes frequentados por elas, sendo mais o espaço da casa, os pais de forma indireta contribuem para que isso aconteça, dando abertura para esse brincar. Muitas vezes quando a criança brinca não precisa que o adulto participe de forma direta e, sim dando a elas a oportunidade e suporte como tempo e espaço para poderem aflorarem sua imaginação espontânea.

Os pais têm o direito de esperar que o brincar na escola seja significativo e diferentemente organizado do brincar em casa ou em outro qualquer lugar. Se isso puder ser comprovado, é mais provável que eles atribuem a importância a ele. (FERRONATO; BATISTA, 2013). Percebemos durante a entrevista com as crianças que os pais valorizam esse brincar que muitas vezes não é supervisionado, mas os pais dão a elas a liberdade de poderem brincar e, percebemos ainda que no espaço da escola esse brincar acontece na maioria das vezes nos recreios e poucas crianças em suas falas relatam esse brincar dentro da sala.

Temos muito que rever esses conceitos acerca do brincar no espaço escolar com as crianças da Educação Infantil. A escola da qual fizemos a entrevista percebemos que a família é quem prioriza mais esse brincar e na escola ainda há lacunas a respeito desse brincar no momento da participação das crianças nas aulas regulares.

REFERÊNCIAS

ÀRIES, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BATISTA, C.V.M. *Brincar e aprender: a magia do lúdico na escola*. In: ESAP, Londrina: EDUEL, 2012.

BATISTA, C.V.M. Criança que não brinca tem tudo para ser um adulto problemático. Folha de Londrina 2009. Disponível em: <http://www.jornaldelondrina.com.br/edicaododia/conteudo.phtml?tl=1&id=860223&tit=Crianca-que-nao-brinca-tem-tudo-para-ser-um-adulto-problematico>. Acesso em: 27 jul. 2015.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Ministério da Educação e do Deporto, Secretária da Educação Fundamenta. Brasília: MEC, 1998.

BROCK, A. *et al.* brincar: aprendizagem para a vida. Porto Alegre: Penso, 2011.

CARVALHO, A.M.C. *et al.* (Org.). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

DIAS, S.A. *Brincadeira na Educação Infantil*. 2008. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FERRONATO, R.F; BATISTA, C.V.M. *Brincar: um direito a liberdade*. Londrina: EDUEL, 2013.

FRANCO, R.R. *A fundamental jurídica do direito de brincar*. 2008, 252 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2008.

FRIEDMANN, A. *O direito de brincar: a brinquedoteca*. São Paulo: Vozes, 2003.

FRIEDMANN, A. *Brincar é preciso*. Disponível em: <http://revistaguiafundamental.uol.com.br/professores-atividades/76/artigo179831-1.asp>. Acesso em: jan. 2015

KISHIMOTO, T.M. *O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCELLINO, N.C. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus, 1990.

MORENO, G.L.; BATISTA, C.V.M. *Visão histórica: filosófica de infância, perspectiva da infância na contemporaneidade*. In: BATISTA, C.V.M. *et al.* *Educação Infantil: subsídios teóricos e práticas investigativas*. Londrina: CDI, 2005.

MORENO, G.L. *Infâncias, memórias e culturas: as crianças no cinema, na literatura e nas artes plásticas*. In: BATISTA, C.V.M.; PASCHOAL, J.D.; MORENO, G.L. *As crianças e suas Infâncias: o brincar em diferentes contextos*. Londrina: Humanidades, 2008.

PASCHOAL, J.D.; MELLO, S.A. *A importância dos jogos e das brincadeiras na Infância*. In: MORENO, G.L.; AQUINO, O.R.; PASCHOAL, J.D. *Trabalho, pedagógico na educação infantil*. Londrina: Humanidades, 2007

PIAGET, J. *O juízo moral da criança*. São Paulo: Summus, 1994.

TELES, M.L.S. *Socorro! E proibido brincar!* Petrópolis: Jozes, 1997.

VERDEN-ZÖLLER, G. *O brincar na relação materno-infantil*. In: MATURANA, H.R.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São PAULO: Palas Athenas, 2004.

VERGNHANINI. N.S. *Quero brincar: a brincadeira de faz de conta e o desenvolvimento Infantil*. 2008 95f. Monografia (Faculdade de Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WAJSKOP, G. *Brincar na pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1999.